

Histórias do Diretório Acadêmico do curso de Psicologia da Universidade de Taubaté (1983-2019): memórias de lideranças estudantis

Stories from the Academic Directory of the Psychology course at the University of Taubaté/Brazil (1983-2019): memories of student leaders

Pedro Henrique Brandão de Castro

 <https://orcid.org/0009-0009-7099-4032>

Ricardo Mendes Mattos

 <https://orcid.org/0000-0001-9690-7392>

Universidade de Taubaté
Brasil

Resumo

De forma exploratória, realizamos a reconstituição da história do Diretório Acadêmico do curso de Psicologia da Universidade de Taubaté, desde a sua fundação (em 1983) até 2019. Para tanto, utilizamos a análise documental e a realização de entrevistas com lideranças estudantis. A psicologia social da memória de Ecléa Bosi fundamentou teoricamente a pesquisa. Os resultados destacam cinco eixos: 1) ações políticas no curso de psicologia (recepção de calouros, realização da Semana da Psicologia, políticas de assistência estudantil, etc.); 2) formação de redes e intervenções políticas na comunidade acadêmica da universidade (integração entre diretórios acadêmicos de diversos cursos, reivindicações contra o aumento do valor de mensalidades, etc.); 3) articulações com entidades políticas estudantis, em especial o movimento estudantil de psicologia; 4) posicionamentos políticos para transformação da realidade brasileira; e 5) importância do movimento estudantil na formação em Psicologia. Concluímos que o movimento estudantil é considerado fundamental para a formação profissional crítica e o compromisso da Psicologia na transformação social da realidade brasileira.

Palavras-chave: movimento estudantil; memória; Diretório Acadêmico; formação em psicologia; história da psicologia.

Abstract

In an exploratory manner, we reconstructed the history of the Academic Directory of the Psychology course at the University of Taubaté, from its foundation (in 1983) until 2019. To this end, we used document analysis and conducted interviews with student leaders. Ecléa Bosi's social psychology of memory provided the theoretical foundation for the research. The results highlight five axes: 1) political actions in the Psychology course (welcoming freshmen, holding Psychology Week, student assistance policies, etc.); 2) formation of networks and political interventions in the university's academic community (integration between academic directories of various courses, demands against the increase in tuition fees, etc.); 3) articulations with student political entities, especially the psychology student movement; 4) political positions for the transformation of Brazilian reality; and 5) importance of the student movement in Psychology training. We conclude that the student movement is considered fundamental for critical professional training and the commitment of Psychology to the social transformation of Brazilian reality.

Keywords: student movement; memory; Academic Directory; psychology training; history of psychology.

Tradicionalmente, o ensino de história da psicologia se caracteriza por manuais gerais que percorrem os saberes psicológicos circunscritos ao âmbito epistemológico do desenvolvimento científico. Frequentemente eurocentrados, tais saberes universalizam o homem branco europeu cis hetero cristão como modelo de humanidade. Trata-se de uma trajetória dos saberes psicológicos abstraída dos contextos sociais, históricos e culturais específicos.

Tal postura é marcada por uma “historiografia internalista”, pois voltada somente ao desenvolvimento das ideias científicas, destituídas de referências ao contexto histórico em que foram produzidas (Massimi et al., 2008, p. 36). Contudo, a partir da década de 1970, enfatizou-se uma perspectiva crítica denominada “externalista”, atenta à inserção cultural, social e histórica dos saberes psi (Jacó-Vilela, 2009). Dessa forma, “História dos saberes psicológicos na Cultura Brasileira” (Massimi, 2023) contextualiza os saberes psicológicos vinculados à formação do Brasil, como faz a *História Social da Psicologia* (Portugal et al., 2018), atenta aos processos sociais brasileiros.

Uma das perspectivas promissoras nos estudos em história da psicologia é a atenção aos contextos regionais específicos. Tais estudos radicalizam a crítica à generalização dos saberes psicológicos, em esferas abstratas como o saber universal ou a ciência nacional, enfatizando sua construção social em meio a peculiaridades locais. Nesse ínterim, o estudo de instituições científicas enraíza a produção de saberes em processos sociais e históricos determinados, a exemplo de estudos sobre instituições de ensino, laboratórios de pesquisa, associações de classe e entidades políticas. Essa mesma perspectiva tem sido fortalecida pelo Conselho Federal de Psicologia, na elaboração do Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil (Jacó-Vilela, 2011). Entretanto, no âmbito da Psicologia, “um campo que costuma ser pouco investigado é o da história de suas entidades políticas” (Hur & Aragusuku, 2018, p. 184).

Dessa forma, o objetivo do presente artigo é relatar as histórias do Diretório Acadêmico (D.A.) do curso de Psicologia da Universidade de Taubaté (1983-2019) a partir de pesquisa documental e da memória de lideranças estudantis entrevistadas. Ao focar a Universidade de Taubaté, adota-se uma perspectiva crítica atenta aos contextos regionais e institucionais de construção dos saberes psicológicos. A Universidade de Taubaté é uma autarquia municipal com grande importância no desenvolvimento regional do Vale do Paraíba Paulista, cujo curso de Psicologia foi constituído em 1978. Deve-se ressaltar as contradições de uma instituição pública em contexto neoliberal de mercantilização da educação universitária, bem como a importância do movimento estudantil na defesa de uma formação crítica comprometida com o interesse coletivo.

A Psicologia social da memória formulada por Ecléa Bosi (2003, p. 41) estuda o devir humano no tempo vivido no cotidiano. A memória revela uma experiência simultaneamente individual e coletiva que permite compreender a construção so-

cial da realidade (Bosi, 1987, p. 01). Trata-se da história cotidiana construída por “gente comum”, capaz de expressar a subjetividade, os afetos e os “microcomportamentos” subjacentes aos acontecimentos históricos (Bosi, 2003, p. 15). Em seu seminal “Memória e sociedade: lembranças de velhos”, a psicóloga social descreve as vivências de pessoas comuns na sociedade paulistana no contexto da Revolução de 1930. Tal perspectiva foi utilizada na valorização das memórias de lideranças estudantis, consideradas fundamentais para a reconstituição histórica do diretório a partir de suas/seus protagonistas.

Neste sentido, o estudo do D.A. traz como resultados as contribuições do movimento estudantil na formação crítica de psicólogas/os/ues, na melhoria das condições de vida da comunidade acadêmica, na articulação com movimentos sociais e o exercício da cidadania, vinculado ao compromisso social da Psicologia na transformação da realidade brasileira.

História da Psicologia: instituições científicas e entidades políticas

O estudo de instituições científicas tem sido uma das formas mais relevantes para se analisar o processo social de constituição dos saberes acadêmicos. Nesse sentido, Maria Amélia Dantes (2001), referência na história das instituições científicas, destaca um “quadro dicotômico” entre a tendência epistemológica (focada no saber) e a história institucional (atenta ao contexto social). Mesmo que não interajam, necessariamente, com a história institucional, há muitas pesquisas em história da psicologia no Brasil que realizam uma reflexão similar: a história de instituições de ensino universitário (Olmos, 2003), associações profissionais (Hur, 2012; Soares, 2010), laboratórios de pesquisa psicológica (Miranda & Cirino, 2016), hospitais psiquiátricos (Monteiro, 2011); instituições do mundo do trabalho (Motta, 2004), rede de pesquisadores (Facchinetti et al., 2017) e identidade institucional da Psicologia (Baptista, 2003). O que há de comum nessas pesquisas é exatamente o enfoque nas instituições científicas que revela o processo social e histórico de construção de saberes, em detrimento de uma abordagem epistemológica que valoriza o desenvolvimento de conhecimentos científicos pretensamente universais. Nesse contexto se inserem as pesquisas sobre as entidades políticas do movimento estudantil em Psicologia.

Entidades políticas do movimento estudantil da Psicologia

Dentre as pesquisas institucionais no âmbito da história da psicologia, destacam-se estudos sobre o movimento estudantil (Ribeiro, 2007; Machado & Scarparo, 2010; Hur & Aragusuku, 2018). Trata-se de um campo de estudos subestimado, pois: “Se as histórias das entidades políticas da Psicologia são escassas, a história do movimento estudantil de psicologia carece ainda mais de registros acadêmicos” (Hur & Aragusuku, 2018, p. 185).

Ao estudarem a história da Psicologia no Rio Grande do Sul, Pâmela Machado e Helena Scarparo (2010) destacam a importância do D.A. do Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica daquele estado. Observam que, durante o período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), o movimento estudantil teve papel de destaque nas reflexões teóricas e intervenções práticas sobre seus destinos como ciência e profissão.

Já Marcelo Ribeiro (2007) desenvolve a história do Encontro Nacional dos Estudantes de Psicologia, a partir da qual destaca a importância do Movimento Estudantil na Psicologia para a constituição dessa identidade profissional, seu papel político na sociedade e na "formação do futuro psicólogo".

Deve-se considerar que o movimento estudantil é um espaço de formação política e reflexão crítica sobre a realidade social, além de fortalecer movimentos coletivos emancipatórios e participar de lutas antiautoritárias – como no período da ditadura civil-militar brasileira (Reis et al., 2010).

Fonseca (2008) aponta que o movimento estudantil possibilita algumas formas de aprendizado que expandem o conhecimento formal oferecido pelas universidades, com foco na "sala de aula". A partir de uma partilha horizontal, o movimento estudantil proporciona aprendizado direto, por meio da convivência e da organização em grupos. O trabalho coletivo é visto como força transformadora na construção democrática, pois o sentimento de coletividade reforça a noção de que as ações individuais devem ser orientadas por um pensar compartilhado.

Igualmente, as relações humanas, pouco valorizadas em sala de aula, são essenciais no movimento estudantil e nos movimentos sociais. A quebra de discriminações e preconceitos é entendida como um processo educativo. O movimento estudantil estimula que as pessoas se expressem nos espaços coletivos, uma vez que as decisões e discussões ocorrem principalmente por meio da linguagem oral, incentivando a participação ativa e o posicionamento crítico.

Assim, as entidades políticas estudantis fortalecem competências de expressão e comunicação, pois o movimento desenvolve a habilidade discursiva e de escuta, além da capacidade de solucionar problemas, lidar com conflitos e buscar a transformação da realidade na práxis cotidiana.

Contudo, Fonseca (2008) salienta que o movimento estudantil não está livre de contradições: é frequente a formação superficial de militantes que não se aprofundam nas questões teóricas sobre a universidade, o que resulta em práticas sem reflexão (ativismo). Também é comum a presença de debates sem ação concreta (verbalismo), o que reduz a efetividade das ações.

Beraldo e Sinibaldi (2020) realizaram um estudo que contempla o movimento estudantil em diferentes cursos/áreas do conhecimento: educação, história, sociologia, psicologia, enfermagem e comunicação. Neste estudo, destaca-se que a escassez de publicações sobre movimentos estudantis em Psicologia.

Tal conclusão é compartilhada por Hur e Aragusuku (2018), justificada pela

desvalorização da política pela própria Psicologia. Ainda segundo os autores, o movimento estudantil de Psicologia se consolidou a partir do I Encontro Nacional de Estudantes, na década de 1970, quando se deliberou pela organização por áreas do conhecimento científico. Entre 1992 e 2001, o movimento passou por um período de fortalecimento das ações regionais até se reconfigurar em formato de coletivo autogerido (Coordenação Nacional dos Estudantes de Psicologia/CONEP) – com delegações temporárias e gestão descentralizada.

Hur e Aragusuku (2018) observam que, enquanto o movimento estudantil dos anos 1960 tinha um inimigo concreto — a ditadura civil-militar —, os movimentos atuais enfrentam inimigos difusos, associados às políticas neoliberais e às novas formas de dominação ideológica. Embora o discurso de democracia e liberdade tenha ganhado força nos anos 2000, os autores argumentam que persistem estruturas de opressão e desigualdade social. Hur e Aragusuku (2018) defendem que o movimento estudantil de Psicologia não deve permanecer à margem da história oficial da Psicologia brasileira, pois é parte fundamental na construção crítica e política da profissão.

Método

As pesquisas em História da Psicologia no Brasil têm adotado uma “pluralidade” de métodos, a depender da especificidade do tema estudado (Massimi et al., 2008; Massimi, 2010). No que tange às pesquisas sobre o movimento estudantil na Psicologia, utiliza-se, como procedimentos de coleta de dados, a combinação de análise documental e realização de entrevistas (Ribeiro, 2007; Machado & Scarparo, 2010; Hur & Aragusuku, 2018, p. 185). Documentos e depoimentos compõem a metodologia das pesquisas de Marcelo Ribeiro (2007) e Pâmela Machado e Helena Scarparo (2010).

A partir dessa tradição metodológica das pesquisas sobre movimento estudantil no âmbito da história da psicologia no Brasil, o presente estudo utilizou a pesquisa documental e a entrevista semiestruturada. Conforme ponderam Lakatos e Marconi (2002, p. 62), a pesquisa documental é caracterizada pela utilização de fontes primárias (ou seja, documentos ainda não publicados). No caso específico do D.A. do curso de Psicologia da Universidade de Taubaté foram consultadas atas de reuniões, estatutos, publicações e demais documentos considerados relevantes para o conhecimento da história da entidade.

Adotou-se uma perspectiva exploratória, com um arco temporal estendido (1983-2019), em virtude da inexistência de pesquisas que pudessem sugerir estudos sobre temas mais específicos ou momentos pontuais.

O trabalho foi realizado a partir da catalogação dos documentos disponíveis no acervo do Diretório Acadêmico Laudenir da Silva (atual nome do diretório), detalhando os dados de cada material: data; título do item; tipo (ata, termo, circular, boletim, convite, folheto, manifesto, ofício, projeto, abaixo assinado, lista de

presença, transferência bancária, formulário de inscrição, declaração, memorando, mídia digital, etc.); e descrição do item, com breves comentários sobre seu conteúdo.

Felipe Fontana e Ana Carolina Pereira (2023) destacam a importância de percorrer três etapas na pesquisa documental: a) pré-análise, relacionada ao acesso e seleção de documentos que serão pesquisados; b) "organização do material", etapa vinculada à leitura atenta dos documentos selecionados e seu ordenamento de acordo com os objetivos da pesquisa; e, por fim, c) a análise dos dados coletados. Estas foram as etapas utilizadas na pesquisa documental do Diretório Acadêmico do curso de Psicologia da UNITAU.

Após realizar a síntese dos itens mais relevantes do acervo, iniciou-se a etapa de seleção de lideranças para entrevista. Os critérios de inclusão das/os entrevistadas/os foram: serem mencionadas/os em documentos relevantes do acervo do D.A. e terem atuado como lideranças estudantis junto à entidade. Igualmente, foi considerada a distribuição das/os entrevistadas/os ao longo das décadas de atividade da entidade política, tendo em vista reconstituir a história do diretório no arco temporal estabelecido no objetivo da pesquisa. Foram entrevistadas cinco pessoas: uma atuante em cada uma das décadas de 1980, 1990 e 2000; e duas da década de 2010.

Em suas sugestões para jovens pesquisadores, Ecléa Bosi (2003, p. 60) descreve a importância da criação de relação amistosa entre o/a entrevistador/a e o/a recordador/a, no momento da entrevista em memória oral. Aconselha, igualmente, a utilização de um roteiro de entrevistas maleável aos destinos do diálogo que pode introduzir novas questões. O entrevistador, atual liderança estudantil do D.A., manteve relação amistosa e franca no decorrer das entrevistas, pois convive cotidianamente com as/os depoentes e/ou compartilha com elas/es a participação na construção da história do movimento estudantil em Psicologia. Foi utilizado um roteiro de entrevistas, com questões tais como: Comente seu interesse pelo movimento estudantil na Psicologia? Em que ano entrou no diretório acadêmico? Como o diretório estava organizado e quem eram suas lideranças de referência? Quais as principais pautas/atividades levantadas pelo D.A.? Qual é a importância do movimento estudantil na formação em Psicologia? Qual a importância do D.A no curso de Psicologia da Universidade de Taubaté? Foram escolhidas as modalidades presencial e chamada de vídeo para a realização das entrevistas, todas gravadas em áudio e posteriormente transcritas.

Deve-se salientar que todas as etapas da pesquisa seguiram incondicionalmente as diretrizes éticas de pesquisas com seres humanos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Taubaté, com o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número: 84040524.2.0000.5501.

Resultados

As entrevistas realizadas trouxeram a diversidade subjetiva fundamental para a análise períodos históricos do D.A., além de ressaltarem a importância do movimento estudantil na trajetória profissional das pessoas entrevistadas. A psicologia social da memória permitiu compreender a realidade objetiva encarnada na subjetividade de pessoas que construíram o movimento estudantil em seu cotidiano vivido.

Foi possível mapear 281 documentos físicos do acervo do D.A. (circulares, atas, ofícios, cartazes, boletins e entre outros). Essa vasta gama foi catalogada em uma planilha para que o próprio diretório pudesse utilizar em suas atividades.

A primeira entrevistada ingressou na segunda turma do recém-criado curso de Psicologia da Universidade de Taubaté, no ano de 1979. Foi fundadora do D.A. e sua presidente no período em que esteve na graduação, ajudando a fomentar o movimento estudantil e a organização das/os estudantes. Posteriormente, foi professora no departamento de Psicologia.

O segundo entrevistado iniciou os estudos em psicologia como segunda graduação, no início dos anos 90, ajudando a refundar o Diretório Central dos Estudantes (D.C.E.) da Universidade de Taubaté e atuando em sua presidência. Já possuía forte ligação com o movimento estudantil quando ingressou na psicologia, além de compor o movimento metalúrgico da cidade. Posteriormente também se tornou professor no departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

O terceiro entrevistado entrou na primeira turma noturna do curso de Psicologia, no ano de 2005. Este estudante e trabalhador foi parte do D.A. em três gestões consecutivas (de 2006 como diretor cultural, 2007 como presidente e 2008 como coordenador político). Em 2009 saiu da gestão do D.A. para dar prioridade à graduação, tornando-se membro do Conselho do Departamento. Posteriormente atuou no Conselho Regional de Psicologia de São Paulo.

A quarta entrevistada dá início à graduação em 2011, no período integral, interessando-se pelo movimento estudantil a partir o terceiro ano do curso, pois o D.A. passava por um período de esvaziamento. Participou, então, da organização de eventos culturais e acadêmicos, sem ser membro formal do diretório. Durante os últimos anos de graduação fez parte do Conselho do Departamento. Também se tornou docente no departamento de Psicologia da universidade.

O quinto entrevistado entrou em 2010 no curso de psicologia, no período noturno, visto que também era trabalhador durante o dia. Foi representante de sala logo no primeiro semestre e fez parte da refundação do D.A., na condição de presidente. Posteriormente veio a trabalhar no Conselho Regional de Psicologia.

O resultado final deste trabalho de pesquisa foi a interseção entre os documentos do acervo e as memórias das lideranças de cada década, permitindo construir uma compreensão mais rica a respeito da história do departamento de

psicologia, no que se refere a atuação estudantil. A discussão dos resultados será dividida em décadas, tendo em vista compreender a trajetória do Diretório Acadêmico. A exemplo da pesquisa de Marcelo Ribeiro (2007), a periodização do percurso do movimento estudantil pode facilitar na compreensão didática de seus momentos de constituição e desenvolvimento. Em cada década, serão avaliados especialmente os seguintes eixos de análise: A) ações políticas no curso de Psicologia; B) formação de redes e intervenções políticas na comunidade acadêmica da universidade; C) articulações com entidades políticas estudantis, em especial o movimento estudantil de psicologia; e D) posicionamentos políticos para transformação da realidade brasileira. Por fim, será abordado o tema transversal da formação crítica em Psicologia, que atravessa todas as décadas do D.A. e está presente na fala de todas lideranças entrevistadas.

A década de 1980: constituição do Diretório Acadêmico

Hur e Aragusuku (2018) avaliam o contexto do movimento estudantil nos anos 1980', impactado diretamente pelo período de redemocratização pós ditadura e pela realização da Constituinte, onde os partidos políticos voltaram a ter maior aproximação com o movimento estudantil, em especial o da psicologia. Nesse sentido, destaca-se o envolvimento direto dos estudantes com novas formas de se fazer um movimento social, pujante, por exemplo, nas questões da reforma psiquiátrica e luta antimanicomial. Tudo isso culmina na organização de um seminário nacional, em 1989, para se discutir uma nova grade curricular para os cursos de psicologia, pauta que já vinha aparecendo desde a década de 60.

Criação do Diretório Acadêmico

O D.A. do curso de Psicologia da UNITAU foi fundado no dia 20 de junho de 1983, data da aprovação de seu regimento. Durante esse primeiro ano de existência, a entidade política conquistou uma sede própria e fez solicitação de verbas para a Pró-reitoria Estudantil da instituição. Suas atividades mais marcantes na década foram a estruturação do processo de acolhimento de estudantes calouros e a organização da Semana de Psicologia, iniciada em agosto de 1984. A formação crítica em psicologia era incentivada também por meio da organização de palestras e partilha de textos teóricos sobre variados temas.

Visando a qualidade de vida de estudantes, o D.A. também mantinha uma cantina e oferecia atendimento psicológico com valores acessíveis às/aos estudantes (a partir de parcerias com profissionais de psicologia).

Um dos documentos de maior valor do diretório é um livro que teve o intuito de permitir que os alunos se expressassem livremente a qualquer momento, ficando disponível na sede do diretório. Nele encontramos diversos relatos de estudantes, desenhos, frases e demais intervenções. Fundamental para a memória coletiva do

D.A., este livro atravessou todas as décadas do curso e está ainda hoje presente na sede da entidade. A liderança estudantil entrevistada relata a importância do D.A. na construção coletiva do ambiente universitário no início do curso de Psicologia.

Intervenções da Universidade de Taubaté

Um documento de 1984 mostra que naquele período existiam trocas entre os Diretórios Acadêmicos e Centros Acadêmicos da UNITAU, como reuniões sobre pesquisa e ensino, com a presença dos cursos de medicina, odontologia, enfermagem, biologia e educação física – além da psicologia. Essas trocas eram comuns e refletiam um movimento estudantil mais coeso que integrava diversos cursos da universidade. A exemplo disso, em abril de 1984, o D.A. do curso de medicina convocou uma reunião para que fosse debatido o novo regimento da UNITAU, juntamente com os cursos que compunham o centro de ciências biológicas. Igualmente, as entidades estudantis participavam da discussão sobre a eleição de coordenadores pedagógicos e chefes de departamento, a estrutura dos cursos e suas formas de avaliação.

De acordo com a diretora do D.A. desse período, a mobilização de representantes estudantis de diversos cursos ofereceu uma visão mais ampliada sobre a importância política do movimento estudantil:

Eu comecei a frequentar as festas dos outros cursos, e comecei a conhecer gente que eu me identificava e pensavam de modo parecido comigo. Criticava o elitismo da universidade (...) Então a gente também via que as nossas condições não eram legais. Nossa biblioteca era uma vergonha. Era uma salinha, uma sala, um quatinho (...) Então, comecei a olhar pra isso, a ficha começou a cair que tinha mais coisa pra fazer além da parte acadêmica. [...] E aí, a gente começou a fazer encontros, alunos da agronomia, da arquitetura, da enfermagem, da pedagogia, da história, e a gente se encontrava nos bares, nas festas... E com isso foi fortalecendo um diálogo e aí os D.As foram constituídos mais ou menos no mesmo tempo... éramos todos amigos e com perspectivas de visões de mundo muito similares (Entrevistada n. 1).

Nota-se o foco inicial do D.A. em questões “acadêmicas” que vai se ampliando para a reflexão sobre a infraestrutura oferecida pela universidade. Destaca-se, igualmente, a participação da liderança do diretório em órgãos deliberativos da universidade, como seu Conselho de Ensino e Pesquisa:

E nessa época a gente, eu lembro que um dos documentos que a gente deu entrada no Conselho de Ensino e Pesquisa, a gente lutava para reduzir, para não aumentar a mensalidade, essas coisas todas... melhorar as estruturas e a gente queria concurso para professor na época, porque a determinação de concurso sempre existiu. Mas isso eu tô falando antes de 84, que eu me formei em 84. Aí a gente fazia documento pedindo concurso para os professores para garantir melhor qualidade de trabalho para os professores, para que a gente também tivesse melhor qualidade (Entrevistada n. 1).

Nesses conselhos universitários, o D.A. pode contribuir para reflexões fundamentais como o valor das mensalidades, a contratação de professores e a qualidade de ensino oferecida pela instituição.

Articulações com o movimento estudantil

No âmbito da articulação com outras representações do movimento estudantil da psicologia, a liderança entrevistada lembra da importância de diálogos com estudantes de psicologia da Universidade de Lorena (cidade próxima de Taubaté). Comentou que estavam acostumados com gincanas e festas, além de encontros estudantis que não debatiam questões mais críticas e políticas. Porém, a partir desses diálogos, percebeu a importância do movimento estudantil na transformação da realidade brasileira.

Constam documentos sobre a ida do diretório ao V Encontro Nacional de Estudantes de Psicologia, em Goiânia. Igualmente, o diretório solicitou ao prefeito da cidade de Taubaté alojamento para quarenta pessoas para participar de um congresso nacional, indicando o engajamento no movimento estudantil além dos limites da vivência universitária.

A liderança ressalta o apoio e a formação política provenientes da participação na União Nacional dos Estudantes e na União Estadual de Estudantes de São Paulo.

E o nosso movimento aqui, como era muito inicial, ele era muito ingênuo e muito suscetível aos modos com que a reitoria lidava com a gente. Então, a gente era um monte de bobinho. Tinha poucos que eram mais... Tinha gente que tinha vindo de outros cursos, transferido para Taubaté, que tinha outro tipo de experiência, um pouco mais madura, mas era muito ingênuo. A gente era muito ingênuo. Então, foi isso. Eu entrei, porque eu era falastrona participativa e gostava de estar em todo canto. Olhei, fiz coisas assim, participei de coisas muito legais. Então, esses encontros de nacional, estadual, de estudante. Eu fui num em Goiânia, um em Campinas, um em Campos do Jordão. Então, encontros assim que me educaram muito... do ponto de vista político (Entrevistada n. 1).

Nota-se a importância de participação nas entidades políticas estaduais e nacionais do movimento estudantil como perda da “ingenuidade” e desenvolvimento de uma educação crítica e politizada.

Transformação da realidade brasileira

Outro impacto da participação na União Nacional dos Estudantes (UNE) foi a reflexão sobre a importância do movimento estudantil na politização das discussões públicas e formação em cidadania crítica. No contexto nacional de repressão política, inclusive ao movimento estudantil (Barbosa, 2002), a década de 1980 se tornava um momento propício para reflexões sobre como as entidades estudantis poderiam contribuir na transformação social da realidade brasileira. Materiais docu-

mentais revelam a adesão do D.A. à campanha “Diretas Já”, processo fundamental para a redemocratização brasileira.

Em síntese, a década de 1980 marca a criação do D.A. e sua estruturação física e política no âmbito da universidade. No interior da comunidade acadêmica de estudantes, o diretório realizava a recepção dos calouros, organizava políticas de assistência estudantil (como cantina e atendimentos psicológicos) e acentuava a formação crítica em Psicologia (em especial a partir da organização anual da Semana da Psicologia).

No âmbito universitário, a entidade participava de importante articulação interna de diretórios dos mais diversos cursos, tendo em vista contribuir coletivamente com temas seminais da vida acadêmica (como o regimento da universidade, avaliação dos cursos, melhoria da biblioteca do campus, redução do valor das mensalidades e reivindicação por contratação de professoras/es).

No âmbito regional e nacional, o D.A. participava de discussões com o movimento estudantil da cidade vizinha de Lorena, com a União Estadual dos Estudantes de São Paulo e com a União Nacional dos Estudantes – inclusive participando de edições do Encontro Nacional dos Estudantes de Psicologia. Por fim, no âmbito nacional, representantes da psicologia da Universidade de Taubaté incorporaram a importância do movimento estudantil no processo de redemocratização do país.

A década de 1990: consolidação do Diretório Acadêmico

O movimento estudantil da Psicologia se aproximou dos Conselhos Regionais de Estudantes de Psicologia, nos anos 1990’, afastando-se de algumas pautas da União Nacional dos Estudantes. Também durante essa década, os encontros nacionais se distanciaram de debates políticos e da conjuntura nacional, fazendo os eventos voltados mais a integração e questões específicas da psicologia e da grade curricular (Hur; Aragusuku, 2018).

É importante salientar que durante esse período ocorreu também o movimento pelo impeachment do presidente em exercício. Foi marcante o avanço das políticas neoliberais encabeçadas pelo mesmo governo, que tem enfraquecido o sentimento de coletividade da sociedade. Tal processo impacta sobretudo a juventude, resultando em preocupações coletivas resumidas à filantropia e solidariedade, se afastando de questões políticas, apontando uma conformidade passiva de sujeitos que não se entendem como atores ativos da história, mas sim objetos determinados (Barbosa, 2002).

Consolidação do Diretório Acadêmico

Os documentos encontrados na década de 1990 foram semelhantes aos da década anterior, demonstrando continuidade na organização institucional do D.A.. Verificou-se um livreto de boas-vindas direcionado aos calouros, contendo informa-

ções sobre o diretório e uma agenda semanal para a recepção destes por meio de gincana, sendo um sinal da tentativa do diretório de se aproximar mais dos novos estudantes e apresentá-los ao movimento estudantil. Em 1992 foi realizada a primeira mudança no estatuto do D.A., em processo democrático com a participação de representantes de sala. As diversas edições da semana da psicologia consolidaram essa iniciativa estudantil que se constituiu como o principal evento formativo do curso.

A liderança estudantil entrevistada sobre este período, destaca um clima conservador no curso de Psicologia que questionava a legitimidade de perspectivas críticas e politizadas, por vezes menosprezadas por alguns docentes ou até desconsideradas como parte da ciência psicológica.

Diretórios Acadêmicos e Diretório Central dos Estudantes

A articulação entre Diretórios Acadêmicos de diversos cursos da universidade sofreu um revés com a criação do Diretório Central dos Estudantes (D.C.E.), no início da década de 1990. O período é caracterizado por contradições do movimento estudantil no interior da Universidade de Taubaté.

De acordo com o entrevistado, o D.C.E. passou a monopolizar algumas pautas estudantis, sem a participação orgânica dos D.A. e das/os estudantes. Tal postura centralizadora destoou do momento do D.A. do curso de Psicologia que possuía fortalecimento democrático na luta por melhor qualidade de vida aos estudantes:

A minha preocupação era que o D.C.E., que a eleição para o D.C.E., isso lá em 90, ela fosse direta. Sempre foi essa. Para evitar o que acabou acontecendo historicamente com o D.C.E.. Criar uma estrutura burocrática descolada da realidade estudantil. Você tem uma cúpula lá que pouco tem a ver com a vida cotidiana dos alunos, porque não dialoga, isso foram décadas dentro dessa lógica. E isso começa lá atrás, entendeu? (Entrevistado n. 2).

Ainda assim, há diversos registros da atuação do D.A. de Psicologia voltados à melhoria da qualidade de vida do estudante: como um documento que relata o diálogo com a Prefeitura Municipal para concessão de bolsas de estudo na universidade, além de projeto de lei sobre meia entrada de estudantes em atividades culturais. Um dos momentos marcantes lembrados pelo entrevistado foi a iniciativa de recolher os carnês dos estudantes para protestar contra o aumento de mensalidades na universidade. Igualmente memorável foi a retomada dos jogos universitários, ainda hoje uma das principais “atrações” aos estudantes.

Articulações com movimento estudantil e transformação social

O D.A. continuou sua participação no movimento estudantil em âmbitos estadual e nacional:

Isso é começo dos anos 90. E foi um período muito tenso. Eu sou

contemporâneo, isso é uma ideia de movimento, de dividir a Assembleia da UNE com Lindberg Farias, com o Orlando, que foi ministro, que é deputado federal hoje, Lindberg também é deputado, mas era uma liderança que na época, começo dos anos 90, 35 anos atrás, a gente estava ali juntos, do Movimento Estudantil, então nós conseguimos uma reestruturação do Movimento Estudantil na cidade, na universidade, uma inserção nacional do Movimento Estudantil (Entrevistado n. 2).

Observa-se o orgulho em participar do movimento estudantil, ressaltando a importância de suas lideranças na vida política brasileira. Também foi lembrada a atuação do movimento estudantil taubateano nas manifestações “fora Collor”.

Na década de 1990 ocorreu a consolidação do Diretório Acadêmico do curso de Psicologia e iniciativas como a recepção de calouros e a Semana da Psicologia. No contexto da Universidade de Taubaté, o movimento estudantil de psicologia reivindicou bolsas de estudo e se manifestou contra o aumento de mensalidades.

Contudo, inaugurou-se nessa década a divisão do movimento estudantil na universidade, em virtude das políticas contrárias ao interesse dos estudantes atribuídas ao recém-criado Diretório Central dos Estudantes – cujas decisões não contavam com a participação dos representantes dos cursos. Por fim, houve continuidade de participação no movimento estudantil nas esferas estadual e nacional, além da participação nas manifestações “Fora Collor”, importantes para a vida política brasileira.

A década de 2000: classe trabalhadora na universidade

Hur e Aragusuku (2018) apontam que durante os anos 2000, impulsionado pela eleição de Lula, o movimento estudantil de psicologia teve uma retomada às questões políticas e aproximação de partidos políticos – pois diversos estudantes eram militantes partidários do Partido dos Trabalhadores e, posteriormente, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Destaca-se a organização da Coordenação Nacional dos Estudantes de Psicologia (CONEP) e a crítica aberta às políticas neoliberais do governo federal no ensino superior – a exemplo das campanhas de boicote ao ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes). Houve também um marcante enfrentamento à organização da União Nacional dos Estudantes (UNE), majoritariamente dirigida pela União da Juventude Socialista (UJS), vinculada ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB), incluindo a expressa proibição aos membros representantes da CONEP de participarem dos espaços da entidade.

A década de 2000 é o período mais bem documentado do D.A. de Psicologia da Universidade de Taubaté, possibilitando observar com clareza as atividades do diretório, seus posicionamentos, e suas diversas formas de atuação.

No ano de 2005, o curso de Psicologia da Universidade de Taubaté abre turmas no período noturno, gerando grande demanda no acolhimento de estudantes com vivências distintas daquelas presentes no período integral. O ingresso univer-

sitário de estudantes da classe trabalhadora modificou radicalmente o movimento estudantil no curso de Psicologia. Tais estudantes participavam com bastante vitalidade das atividades políticas, acadêmicas ou culturais do departamento.

Tal contexto é detalhado pela liderança entrevistada, que descreveu o processo de refundação do D.A. no ano de 2005, pois a entidade estava sem chapa administrativa e sem projeto desde 2003:

Eles vinham numa pegada de querer construir e reconstruir algumas coisas e trazer gente, e agregar estudantes para esse espaço [...] Então eles se fazendo ali presente, trazendo, e criando espaços para que as pessoas pudessem, os estudantes pudessem estar e pudessem discutir, pudessem construir alguma coisa (Entrevistado n. 3).

Foi um momento marcado pela denominação D.A. Pura/mente e a divulgação de seu informativo: “psircular”, veículo de comunicação que apresentava textos críticos em Psicologia, atualizações institucionais, parcerias com entidades para oferecer descontos à estudantes, divulgação de festas, etc. Foram memoráveis, neste período, atividades como cafés filosóficos, saraus, ocupações da universidade com maracatu e outras intervenções artístico-culturais, realização de atividades em praças e bares, além de festas universitárias.

Formação de redes e intervenções políticas na comunidade acadêmica da Universidade de Taubaté

Os documentos do período destacam diálogos entre diretórios de diversos cursos, em especial àqueles que partilham o mesmo campus, além de seu envolvimento em diferentes esferas da vida universitária.

Acirraram-se os embates contra o Diretório Central dos Estudantes, culminando com a desfiliação do D.A. de Psicologia. Alegou-se que o D.C.E. divergia das diretrizes do movimento estudantil brasileiro, além de se constituir sem votação direta da base estudantil, monopolizar bolsas de estudo e perpetuar suas lideranças – situação que permanece até os dias atuais.

O D.A., em 2006, entendia o movimento estudantil como amplitude da auto-organização estudantil, que conflitava com o entendimento institucional sobre as entidades estudantis. O entrevistado deste período ressalta que a administração da universidade considerava os diretórios “meramente espaços de eleição de representantes dos estudantes para as demandas da própria direção da universidade”. Salientou, ainda, a tendência à burocratização e cooptação dos diretórios a partir de demandas institucionais, distanciando-os das pautas do movimento estudantil organizado.

O D.A. pura/mente entendia que aquele não deveria ser um espaço de repasse de informações de instâncias institucionais, mas de organização política dos estudantes. Igualmente, discutia-se questões da política educacional da UNITAU e do curso de psicologia, em um contexto de reformulação das Diretrizes Curriculares

Nacionais do ensino superior. No âmbito institucional, o entrevistado ressaltou o questionamento sobre a cobrança de mensalidades em uma autarquia municipal, assim como as alternativas de estadualização ou federalização da universidade.

Articulações com movimento estudantil e entidades da psicologia

Durante a década de 2000 houve grande estreitamento das relações entre o D.A. e o movimento estudantil. Verificou-se relações do diretório com instituições de psicologia como o Conselho Regional de Psicologia, a Associação Brasileira de Psicologia Social e a Associação Brasileira de Ensino de Psicologia. No âmbito do movimento estudantil, há registros de atas de reuniões regionais e da realização de um Encontro Nacional dos Estudantes de Psicologia sediado em Taubaté.

No ano de 2009 foi marcante o boicote do curso de Psicologia da Universidade de Taubaté ao Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), iniciativa enfatizada pelo movimento estudantil em âmbito nacional. O entrevistado relembra o acontecido da seguinte forma:

Por entender que era uma política de avaliação com viés não só mercadológico, mas bastante neoliberal. Acho que nossa avaliação era que as políticas educacionais no primeiro governo Lula, se por um lado elas de fato aumentavam o acesso ao ensino superior, elas o faziam por uma lógica que privilegiava o privado em detrimento do público, numa lógica mais de favorecer as instituições de mercado. Tínhamos um posicionamento crítico em relação a isso, e o ENADE pra gente era inaceitável na maneira como ele estava colocado. Aquilo era inadmissível: você colocar todo o ônus da avaliação, pra dizer se um curso é bom ou não, no desempenho dos seus estudantes, ignorando questões estruturais que para a gente entendia que eram muito mais importantes e que essa responsabilidade, esse ônus não era nosso. Enfim, então tinha esse debate sobre política, cidadania e a vida de uma forma mais geral (Entrevistado n. 3).

Em suma, a década de 2000 foi marcada pela abertura do curso de Psicologia em período noturno e o ingresso mais acentuado de pessoas da classe trabalhadora, que irão dar uma nova cara à entidade política, fortalecendo seu informativo ("Psircular") e promovendo atividades culturais (cafés filosóficos, saraus, maracatu, etc.). Nesse contexto, o D.A. fortalece sua perspectiva combativa como movimento estudantil, desfiliando-se do D.C.E. por entendê-lo como instância cooptada pela instituição, que indiretamente incentivava seus interesses em uma gestão neoliberal e distanciando-se de uma universidade pública e popular. Recusando o lugar subalterno de mero mensageiro das decisões universitárias, o D.A. acentuou sua aliança política com o movimento estudantil e realizou o ousado boicote ao ENADE.

A década de 2010: desmobilização e retrocessos

Boutini (2017) ressalta que um dos momentos mais marcantes do movimento estudantil do estado de São Paulo foi o fechamento de escolas ocorridos a partir de

2015, que resultou em um forte enfrentamento com o governo do estado. Os estudantes se organizaram para ocupar os espaços que estavam sendo fechados, com atuação especial dos secundaristas em manifestações que retraíram as políticas de precarização da educação. No ano seguinte, o golpe conservador contra a presidente Dilma Rousseff acirrou o clima caótico da política brasileira, caracterizado por limitações de gastos públicos, mercantilização da educação e manifestações crescentes de movimentos sociais contra o novo governo e suas políticas neoliberais (Sucupira & Vasconcelos, 2020).

Beraldo e Sinibaldi (2020) associam o “desengajamento” de jovens do movimento estudantil como repercussão da mercantilização da educação e da desilusão com as políticas públicas em contexto de estado mínimo neoliberal.

Na Universidade de Taubaté, durante a década de 2010, o movimento estudantil manteve por poucos anos a tradição crítica do diretório anterior, voltando a priorizar questões mais acadêmicas do que políticas, movimentando-se majoritariamente para realizar palestras e eventos similares, festas e competições esportivas.

Documentos do período revelam a permanência de uma perspectiva crítica, em conteúdos formativos, mas agora rivalizada com a forte presença de registros mais voltados ao atendimento às demandas institucionais da própria universidade.

Realizamos duas entrevistas para compreender este período. A primeira entrevistada relatou muitas oscilações na participação do D.A. junto ao movimento estudantil em psicologia. Estavam presentes pautas como o valor das mensalidades, falta de políticas de permanência, o problema da visão biomédica na psicologia, entre outras.

No ano de 2011, no qual a entrevistada se matriculou no curso, havia “falta de união entre os alunos”, concretizada com acirradas disputas entre grupos de estudantes e comentários sobre a participação interesseira na entidade estudantil para a conquista de benefícios individuais. Tal divisão se intensificava entre os períodos, uma vez que estudantes do curso noturno tinham participação mais efetiva, realizando reuniões em horários nos quais estudantes do período integral não conseguiam participar.

No ano de 2013, a chapa que venceu as eleições para o D.A. possuía um caráter mais “apaziguador”, segundo a entrevistada, pois enfatizava eventos de cunho acadêmico e científico (palestras, oficinas, atividades culturais e cine debate). Tal gestão também se aproximou mais dos espaços decisórios do curso de Psicologia, como o Conselho de Departamento, do qual a entrevistada foi representante estudantil. Contudo, em sua narrativa, a participação no conselho não era utilizada para a discussão de demandas políticas da comunidade estudantil, mas apenas para a ratificação de decisões da universidade que deviam ser transmitidas ou comunicadas pelas lideranças estudantis. Por conseguinte, a principal preocupação da entrevistada era com a “comunicação” entre estudantes, em especial as formas de circulação de informações. De forma autocrítica, a entrevistada relata

que a dificuldade de comunicação estava relacionada à desorganização e desunião da comunidade estudantil. Por fim, ressalta o quanto algumas lideranças estudantis tinham dificuldade em mobilizar colegas, pois eram percebidas como pessoas “metidas” e arrogantes.

Outro entrevistado do período corrobora o clima de desunião, salientando as divisões entre os estudantes do período integral e do noturno, além dos desentendimentos entre calouros e veteranos. Em virtude dessas dificuldades, o D.A. passou por um período de inatividade. Em suas recordações, o mote de organização dos estudantes foi a realização da semana acadêmica de psicologia:

E quando eu tava no último ano, a gente fez uma semana da psicologia também fudida, com várias intervenções artísticas, fizemos batalha de rap, fizemos roda de jongo, maracatu, fizemos uma causada no Bom Conselho.[...] Daí a gente fez... a gente comprou os instrumentos pra fazer a bateria, pintamos o D.A., fizemos o Freud, fizemos umas paradas muito loucas aí, mano. Foi legal pra caralho esse período. E pessoalmente assim foi bom também porque a gente fez muita parceria com o CRP. E aí eu tava sempre lá também nos grupos de discussão do CRP (Entrevistado n. 5).

Embora fundamental, a importância da Semana da Psicologia reitera que as atividades do D.A. se limitavam ao contexto interno do curso.

Embates com o D.C.E.

No âmbito universitário, o entrevistado menciona embates envolvendo o valor da mensalidade e a (falta de) representatividade do D.C.E.:

E outra coisa muito legal que a gente participou também, cara, foi um... o enfrentamento que a gente fez com a com a reitoria na questão do aumento de mensalidade, sabe? Porque o D.C.E. não representava a gente, não reconhecia a psicologia, nem a medicina. [...] E aí, rolou uma discussão lá com a reitoria, a proposta e o D.C.E. fez acordo com a reitoria antes da reunião, tá ligado? E aí a gente foi contra, a gente conseguiu mobilizar vários outros cursos também pra não votar com o D.C.E., a galera ficou meio puta, mas foi um bagulho legal de construção mesmo coletiva, de movimento estudantil que a gente fez (Entrevistado n. 5).

Fica evidente a denúncia de cooptação do movimento estudantil pela reitoria da universidade, incluindo a menção à concessão de bolsas de estudos como forma de chantagem.

Desunião interna e pouca articulação externa

Há poucas menções do envolvimento do D.A. com movimentos estudantis de psicologia ou outras instituições políticas. Uma liderança estudantil entrevistada, contudo, comenta de seu engajamento pessoal em lutas populares, pois seu envolvimento com movimentos sociais o incentivou a uma postura crítica e democrática,

focada na construção coletiva da comunidade estudantil. Tal perspectiva o levou a enfatizar o compromisso social da Psicologia e “ampliar a percepção do que é ser psicólogo na sociedade, para além daquilo que o curso oferece”.

Em síntese, a década de 2010 representou alguns retrocessos, se comparada com a combatividade da década anterior. O Diretório Acadêmico pareceu mais ocupado com questões internas, relacionadas à desunião e dificuldades de comunicação entre estudantes psi, pouco enfatizando as relações com o movimento estudantil e a transformação da realidade brasileira.

Movimento Estudantil e a formação em Psicologia

Embora o D.A. apresente grande variedade de atuações no decorrer de sua história, é possível sintetizar sua importância política a partir de cinco eixos. Primeiramente, o D.A. realiza ações no interior do curso de Psicologia, com ênfase na recepção de calouros, organização de momentos de formação política (sejam palestras isoladas, a organização da Semana da Psicologia ou a publicação de materiais informativos) e fortalecimento de políticas de assistência estudantil (como articulações para oferecimento de psicoterapia com valores sociais e organização de momentos de partilha de refeições). As lideranças estudantis também são responsáveis por mobilizar democraticamente as bases de estudantes de Psicologia, bem como representar suas demandas diante da universidade. Salienta-se, nesse campo, as iniciativas de discussão da qualidade de ensino do curso e os protestos contra o aumento do valor das mensalidades e outras políticas compreendidas como desfavoráveis pelo próprio corpo estudantil.

Um segundo eixo relevante é articulação de rede para a realização de intervenções políticas na comunidade acadêmica da universidade. Certamente a aliança com os demais diretórios acadêmicos é a principal rede de sustentação de um movimento estudantil unificado. Contudo, observou-se a participação de representantes do D.A. também em diversos conselhos deliberativos da universidade (como o Conselho de Ensino e Pesquisa). Destaca-se a organização de pautas estudantis sobre: as Diretrizes Curriculares Nacionais do ensino superior e a qualidade de ensino oferecida na instituição; as propostas de estadualização ou federalização da universidade (uma autarquia municipal com cobrança de mensalidades às/aos estudantes); e a solidariedade com a classe trabalhadora dos servidores públicos da universidade, na reivindicação de melhores condições de trabalho.

As articulações com entidades políticas é o terceiro eixo de atuações que caracterizam a história do D.A. Tais articulações são mais frequentes com outras frentes do movimento estudantil, em especial a União Estadual dos Estudantes de São Paulo, a União Nacional dos Estudantes e o Encontro Nacional de Estudantes de Psicologia. Contudo, registrou-se aproximações políticas também com outras entidades da Psicologia, tais como o Conselho Regional de Psicologia, a Associação Brasileira de Psicologia Social e a Associação Brasileira de Ensino de Psicologia.

O quarto eixo de atuação política inclui a participação do D.A. no fortalecimento de movimentos sociais e em manifestações públicas importantes para a transformação democrática da realidade brasileira. As campanhas das “Diretas Já” e “Fora Collor” certamente foram as mobilizações populares mais expressivas que o D.A. integrou. Contudo, deve-se salientar a constante perspectiva crítica e combativa do diretório com relação ao modo capitalista de produção e às desigualdades que engendra, tais como as dificuldades de acesso ao ensino universitário público e de qualidade – frequentemente mercantilizado e precarizado por políticas neoliberais.

Por fim, o quinto eixo que atravessa de maneira transversal a história do D.A. é a formação em Psicologia. Cada entrevistada/o foi perguntada/o sobre a importância do movimento estudantil para a formação do profissional em psicologia e qual a importância de um diretório acadêmico para o curso de psicologia da UNITAU. As respostas foram convergentes em muitos aspectos no que diz respeito à relevância do movimento estudantil na formação dos estudantes de Psicologia, tanto pela ampliação da compreensão do humano quanto pela promoção de uma prática crítica e engajada. Em diferentes contextos e épocas, as/os entrevistadas/os ressaltam que o processo formativo vai além da sala de aula, sendo o movimento estudantil um espaço fundamental de construção coletiva, debate político e desenvolvimento pessoal e profissional.

A primeira entrevistada destaca que a Psicologia, por lidar com a complexidade do humano, exige do estudante uma constante revisão de si e de suas concepções. Para ela, o curso não pode oferecer todas as dimensões que compõem o ser humano, cabendo ao movimento estudantil funcionar como um espaço de compartilhamento e autonomia, onde a/o estudante pode dialogar, se organizar e complementar sua formação. Essa vivência permitiria experiências que a estrutura curricular não comporta, promovendo uma aprendizagem mais integral e socialmente situada.

Na segunda entrevista, há uma análise histórica e política sobre o esvaziamento do movimento estudantil, a partir dos anos 1990’ (quando as atléticas passaram a substituir os diretórios acadêmicos e houve uma crescente desqualificação da participação política estudantil). O entrevistado enfatiza que esse processo reflete o avanço do neoliberalismo e a perda de espaços coletivos de luta, comparável ao enfraquecimento dos sindicatos. Ainda assim, defende que a atuação estudantil é essencial para discutir pautas de formação, currículo e políticas educacionais, funcionando como contraponto ao processo ideológico dominante e possibilitando a compreensão crítica do papel social da Psicologia.

O terceiro entrevistado afirma que o movimento estudantil foi o principal espaço formador de sua trajetória profissional. Relata que, durante a graduação, temas fundamentais como o Sistema Único de Saúde (SUS) e o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) eram negligenciados pela universidade, sendo debatidos

apenas em espaços políticos e estudantis. Essa participação teria sido determinante para sua atuação em políticas públicas após a formatura. Para ele, o movimento estudantil representa um ambiente de auto-organização e desenvolvimento do pensamento crítico, indispensável para evitar que a formação psicológica se reduza a uma prática meramente técnica e conservadora. O entrevistado ressalta que a Psicologia, sem reflexão crítica, corre o risco de apenas reproduzir estruturas de poder, e não as transformar.

A quarta entrevistada foca nas competências relacionais e organizacionais que o movimento estudantil proporciona. Segundo ela, participar dessas instâncias ensina habilidades práticas (como conduzir reuniões, elaborar projetos e lidar com grupos) que não são ensinadas formalmente na graduação, mas são essenciais para a vida profissional. Além disso, vê no movimento estudantil um espaço de renovação e atualização das pautas sociais, pois são as/os estudantes que frequentemente introduzem novas demandas, como questões raciais e de gênero. Contudo, alerta para o risco de individualização das pautas e da confusão entre interesses pessoais e coletivos, ressaltando a importância de manter o foco no bem comum e na continuidade das ações ao longo dos ciclos estudantis.

Na quinta entrevista, enfatizou-se que não há como ser psicóloga/o/ue sem compreender a realidade social e política. O entrevistado reconhece que o movimento estudantil contribuiu para romper a visão restrita da Psicologia clínica, ampliando a percepção sobre a multiplicidade de campos de atuação. Destaca que esse espaço possibilita uma vivência prática de democracia e coletividade, fundamental para a formação ética e humana da/o profissional. Para ele, o Diretório Acadêmico é um ambiente privilegiado para o exercício da cooperação, da escuta e da construção de soluções conjuntas, competências essenciais ao trabalho psicológico e às relações profissionais futuras.

De modo geral, as entrevistas convergem na compreensão de que o movimento estudantil é um componente formativo indispensável na Psicologia, pois articula saberes teóricos, práticos e políticos. Ele possibilita que as/os estudantes desenvolvam autonomia, senso crítico, consciência social e habilidades interpessoais, elementos essenciais para uma prática psicológica comprometida com a transformação da realidade. Em contraste com a formação tradicional, muitas vezes técnica e conteudista, o movimento estudantil surge como espaço de formação integral, onde o estudante aprende a pensar, agir e se posicionar no mundo enquanto sujeito ativo e agente. Em contrapartida, é importante salientar as dificuldades de estudantes em conciliarem os estudos e a militância, além das demais atividades da vida pessoal. Vive-se o conflito entre a necessidade de participar de lutas por direitos sociais e pela transformação da sociedade, em uma sociedade que julga os indivíduos sempre pelo seu desempenho individual, seja nas atividades acadêmicas, profissionais ou pessoais, podendo ocorrer de estudantes engajados precisarem se afastar da militância para dedicar-se a outros âmbitos de sua vida (como a própria

formação), mesmo compreendendo que é necessário lutar por condições que qualifiquem e valorizem essa mesma formação.

Conclusões

A partir de análise documental e entrevistas com lideranças estudantis, o presente artigo procurou reconstituir a história do Diretório Acadêmico do curso de Psicologia da Universidade de Taubaté (1983-2019).

No contexto interno do curso, o D.A. contribuiu no acolhimento de calouros, na organização da Semana da Psicologia, na efetivação de políticas de assistência estudantil, na reflexão sobre grade curricular, na ênfase na formação crítica em Psicologia, na participação em conselhos deliberativos e na eleição das direções do curso. No âmbito das articulações no interior da comunidade universitária, verificou-se a formação de redes estudantis, a integração com diretórios acadêmicos de diversos cursos, reivindicações contra o aumento do valor de mensalidades, solicitação de bolsas de estudo e reflexões sobre qualidade de ensino na universidade. No que se refere ao movimento estudantil de psicologia, observou-se a participação em edições do Encontro Nacional de Estudantes de Psicologia, além de congressos da União Estadual de Estudantes de São Paulo e na União Nacional dos Estudantes. Por fim, em ações de transformação da realidade brasileira, o D.A. participou de movimentos fundamentais da vida política nacional, como as manifestações “Diretas Já” e “Fora Collor”.

O presente trabalho abordou a trajetória do Diretório Acadêmico do curso de psicologia da Universidade de Taubaté de forma exploratória e abrangente. Futuros trabalhos poderiam especificar o estudo em períodos determinados ou em temas específicos (como o protagonismo estudantil na organização da Semana da Psicologia, as relações entre o D.A. e o movimento estudantil da psicologia, a participação de lideranças estudantis em espaços deliberativos da universidade, o diretório como espaço de pertencimento, a formação crítica em psicologia, etc.). Igualmente, há necessidade de contextualizar a trajetória do D.A. em eventos da vida política brasileira, tarefa fundamental que não pôde ser contemplada a contento nos limites dessa pesquisa. Tal perspectiva poderia elucidar os momentos de maior efervescência política durante o período de redemocratização do país, assim como recesso dos movimentos sociais em virtude de políticas neoliberais individualizantes.

As narrativas encontradas, assim como a base documental, evidenciam que o movimento estudantil ocupa um lugar central na formação universitária, complementando os conteúdos acadêmicos focados na sala de aula. Para diferentes gerações de estudantes da Universidade de Taubaté, o movimento estudantil do curso de psicologia apareceu como território de descoberta, de formação política, de construção e de pertencimento. Nele, muitos encontraram, pela primeira vez, a possibilidade de diálogo, de exercício crítico e de circulação de ideias que não estavam disponíveis na trajetória acadêmica ou no ambiente familiar. As experi-

ências relatadas mostram que o movimento estudantil amplia horizontes: leva o estudante além dos limites institucionais, oferece contato com realidades diversas, promove encontros regionais e nacionais e apresenta debates fundamentais para a formação profissional (como discussões sobre as políticas públicas, Sistema Único de Saúde, Sistema Único de Assistência Social, discussões raciais, de gênero, de direitos humanos, entre outras). Esse atravessamento permite que futura/os psicólogas/os construam uma compreensão mais ampla da sociedade e das políticas que estruturam suas futuras práticas profissionais.

As entrevistas revelam que, embora o movimento estudantil enfrente ciclos de esvaziamento, disputa e dificuldades próprias da rotatividade das/os estudantes que o compõem, sua presença continua essencial para assegurar participação democrática, diversidade de pensamento, proteção de direitos e construção de formação plural, assim como garantir que os estudantes possam estabelecer suas prioridades e assim lutar por seus interesses. Em todos os relatos, independentemente da época, há uma constatação comum: o movimento estudantil não apenas complementa a formação acadêmica, mas produz sentidos de mundo, forma sujeitos políticos e contribui decisivamente para a formação em Psicologia. Assim, compreende-se que fortalecer o movimento estudantil e o Diretório Acadêmico não é apenas um gesto político, mas pedagógico, pois cria condições para uma formação mais crítica, humana e comprometida com a complexidade da sociedade e da subjetividade (dimensões sem as quais a psicologia não se sustenta). A partir dessa formação, a/o estudante passa a compreender a si mesma/o como agente de transformação, encontrando na coletividade o sentido de organização.

Para além das transformações individuais, o movimento estudantil também se revela como força coletiva capaz de tensionar e transformar a universidade, disputar projetos de formação, reivindicar direitos e atualizar pautas curriculares. O Diretório Acadêmico, nesse sentido, aparece como espaço de mediação entre estudantes, docentes e gestão, funcionando tanto como defesa de direitos quanto como laboratório de práticas. É um espaço de organização de estudante para estudante, que pode influenciar esferas maiores da própria instituição, da cidade, do estado e até nacionalmente, quando em conjunto com outros diretórios e movimentos sociais. É nesse espaço de auto-organização estudantil que se aprende a organizar reuniões, dialogar com autoridades, escrever documentos, sustentar demandas coletivas e lidar com conflitos (competências de muita valia para a prática profissional em psicologia, mas raramente ensinadas de maneira vivencial na formação acadêmica). A auto-organização foi um ponto recorrente entre as/os entrevistadas/os, pois esses espaços oferecem um contraponto crítico ao processo de formação, impedindo que a psicologia seja reduzida à técnica ou à mera adequação dos sujeitos à ordem social vigente.

Por fim, deve-se destacar que este estudo foi realizado de maneira introdutória e exploratória, apresentando diversas limitações que podem incentivar fu-

turas pesquisas sobre o movimento estudantil em Psicologia. A pesquisa focou unicamente o D.A. do curso de Psicologia da Universidade de Taubaté, mas seriam importantes estudos que compreendessem a integração entre as entidades estudantis da mesma região, como uma história do movimento estudantil da Psicologia no contexto do Vale do Paraíba. Ao detalhar o contexto universitário de atuação do D.A. também não foi aprofundada a importância do movimento estudantil para a transformação social mais geral, com estudos específicos sobre as alianças do movimento estudantil com demais movimentos sociais. Igualmente, o arco temporal estendido utilizado na pesquisa pode oferecer um panorama geral para a realização de estudos em momentos mais específicos, como, por exemplo, os detalhes da ousadia do movimento estudantil no boicote ao Enade ou, mais recentemente, os impactos da pandemia de covid-19 na organização do movimento estudantil. Tais pesquisas futuras podem fortalecer a compreensão de que o movimento estudantil organizado em diretórios acadêmicos contribui para uma psicologia mais ética, mais crítica, consciente e transformadora.

Referências

- Baptista, M. T. D. (2003). As relações entre identidade, memória e pesquisa da história da psicologia. *Memorandum*, 4, 33-39.
- Barbosa, A. A. (2002). A (Des)articulação do Movimento Estudante: décadas de 80 e 90. *Educação: teoria e prática*, 10(18-19), 5-14.
- Beraldo, I. & Sinibaldi, B. (2020). Movimento estudantil: interface entre as análises pregressas às contemporâneas. *Perspectivas em Psicologia*, 24 (1), 01-20. <https://doi.org/10.14393/PPv24n1a2020-51644>
- Bosi, E. (1987). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. (2a ed.). T.A Queiroz/Universidade de São Paulo.
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. (2a ed.). Ateliê Editorial.
- Boutini, A. C. B. D. & Flach, S. F. (2017). Movimento estudantil brasileiro: da formação às estratégias de luta na atualidade. *Educação em Perspectiva*, 8(2), 215-231. <https://doi.org/10.22294/eduper/ppge/ufv.v8i2.882>
- Dantes, M. A. M. (2001). *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*. FIOCRUZ.
- Facchinetti, C., Silva, M. V. P., Castro A. C., Capela, R. M. & Ferreira, A. C. (2017). Rede Iberoamericana de Pesquisadores em História da Psicologia: o perfil dos investigadores. *Revista Guillermo De Ockham*, 15(2), 41-50.
- Fonseca, M. P. (2008). *O movimento estudantil como espaço dialógico de*

- formação. [Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília]. Repositório UNB. <https://bdm.unb.br/handle/10483/1118>
- Fontana, F. & Pereira, A. C. T. (2023). Pesquisa documental. In: Magalhães Junior, C. A. O. & Batista, M. C. (Orgs.) *Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências*. (2a ed., pp. 42-58). Atena.
- Hur, D. U. (2012). Políticas da Psicologia: histórias e práticas das Associações Profissionais (CRP e SPESP) de São Paulo, entre a ditadura e a redemocratização do país. *Psicologia USP*, 23(1), 69-90. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642012000100004>
- Hur, D. U. & Aragusuku, H. A. (2018). Políticas do movimento estudantil de psicologia no Brasil. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 35, 184-204. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6893>
- Jacó-Vilela, A. M. (org., 2011). *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil*. Imago, CFP.
- Jacó-Vilela, A. M. (2009). Historiografia da psicologia no Brasil. In: Bernardes, J. & Madrado, B. (org.) *Psicologia social e políticas de existência: fronteiras e conflitos* (pp. 125-138). Abrapso.
- Machado, P. F. & Scarparo, H. B. K. (2010). Golpe civil-militar: a psicologia e o movimento estudantil do Rio Grande do Sul. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 19, 225-238. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2010.6583>
- Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2002). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. (5a ed.). Atlas.
- Massimi, M. (2010). Métodos de Investigação em História da Psicologia. *Psicologia em Pesquisa*, 4(2), 100-108.
- Massimi, M. (2023). *História dos saberes psicológicos na Cultura Brasileira*. EdUSP.
- Massimi, M., Campos, R. H. F. & Brozek, J. (2008). Historiografia da psicologia: métodos. In Freitas, R. H. F. (Org.). *História da psicologia: pesquisa, formação, ensino* (pp. 21-48). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Miranda, R. L. & Cirino, S. D. (2016). O que os laboratórios podem nos dizer sobre a história da psicologia? *Memorandum*, 30, 104-119. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6492>
- Monteiro, J. B. (2011). Nos rastros da história da assistência da Psicologia no Pará: a inserção do psicólogo no Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira (1978-1984). [Dissertação de Mestrado em Psicologia, Instituto de Filosofia e Ciências Hu-

- manas da Universidade Federal do Pará]. Repositório UFPA. <https://repositorio.ufpa.br/items/ebee449d-a2f8-44d1-bbd1-216c90c90a79>
- Motta, J. M. (2004). Fragmentos da história e da memória da psicologia no mundo do trabalho no Brasil: relações entre a Industrialização e a Psicologia. [Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório UNICAMP. <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=455804>
- Olmos, J. R. (2003). A relação entre narração e memória como possibilidade metodológica na constituição da história da psicologia no Brasil. *Memorandum*, 4, 40-47. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6807/4379>
- Portugal, F., Facchinetti, C. & Castro, A. (orgs., 2018) *História Social da Psicologia*. Nau.
- Reis, A. M., Soares, C. B. & Campos, C. J. G. (2010). Processo saúde-doença: concepções do movimento estudantil da área da saúde. *Saúde e Sociedade*, 19(3), 676-688.
- Ribeiro, M. A. (2007). História do movimento estudantil na psicologia: leituras e reflexões acerca do ENEP (Encontro Nacional dos Estudantes de Psicologia). *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 13, 100-119. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6706/4279>
- Soares, A. R. (2010). A Psicologia no Brasil. *Psicologia: ciência e profissão*, 30, 08- 41.
- Sucupira, T. G. & Vasconcelos, J. G. (2020). O movimento estudantil na UFC: histórias da década de 1960 e no contexto da ruptura institucional de 2016. *Revista Pedagógica*, 22(1), 01-23. <https://doi.org/10.22196/rp.v22i0.3996>

Nota sobre os autores

Pedro Henrique Brandão de Castro é Graduando em Psicologia pela Universidade de Taubaté. E-mail: pedro.hbcastro@unitau.br

Ricardo Mendes Mattos é Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. Docente do Mestrado em Desenvolvimento Humano e do curso de Psicologia da Universidade de Taubaté. E-mail: ricardo.mmattos@unitau.br

Data de submissão: 10.02.2026

Data de aceite: 03.08.2026